

TEORIA E PRÁTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE ESSA RELAÇÃO INTRÍNSECA VIVENCIADA À LUZ DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID

Gleidiane do Nascimento Lima
Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri- URCA
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID

Luana de Barros Oliveira
Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri- URCA
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID

Sislândia Maria Ferreira Brito – Professora Efetiva do Departamento de Educação da
Universidade Regional do Cariri – URCA
Coordenadora do PIBID Do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri
sislandiabrito@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende discutir a relação teoria-prática que se envolve de forma direta no processo de aprendizagem e de formação docente. É importante pautar que, o PIBID enquanto programa que incentiva a prática e o exercício do magistério ainda na graduação tem essencial importância para que os futuros educadores tenham acesso ao universo escolar e a partir de tal experiência, refletir e avaliar seus fazeres pedagógicos. Para o desenvolvimento de tal estudo, realizamos atividades no interior das instituições de educação infantil e no próprio espaço acadêmico que nos possibilitaram observar como tem transcorrido essa relação discurso-realidade. Pela natureza da temática utilizou-se a abordagem de cunho qualitativo, realizada através de pesquisa bibliográfica e entrevistas não-diretivas. A partir dos dados colhidos, identificou-se uma série de contradições entre o ideal e o real. De modo geral, os resultados alcançados nos fazem acreditar que há uma defasagem na aplicabilidade da teoria.

Palavras-chave: teoria- prática- ensino- educando- educador

INTRODUÇÃO

As teorias que muitas vezes estudamos em sala de aula não encontram relação com o cotidiano da sala de aula, e especialmente nós que estudamos e lidamos com a educação escolar vivenciamos grandes dificuldades para conseguir relacionar as teorias trabalhadas no universo acadêmico com a prática educativa. A partir desta perspectiva, se faz necessário uma reflexão que aborde desde as eventuais complicações enfrentadas pelo educando até as possíveis soluções para o decorrente problema.

Vale ressaltar que esta problemática está ligada à questão do ensino como forma de realização tanto da teoria quanto da prática e como tais questões têm suscitado grandes inquietações nos graduandos do curso de Pedagogia, a proposta para esse momento da pesquisa é analisar como vem ocorrendo essa realidade nos espaços educacionais das escolas envolvidas no PIBID do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Portanto, se faz necessário uma reflexão, mesmo que sucinta, sobre essa questão, pois o que verdadeiramente entendemos por ensino ou a forma que vemos a educação pode estar equivocada, isso se evidencia em nossa prática pedagógica quando supervalorizamos a teoria em detrimento da prática. Tais afirmações são confirmadas ao analisar as falas dos alunos do Pibid, onde se percebe que existe uma constante luta por parte de alguns educadores, que diante do atual sistema vigente buscam preparar os alunos para se tornarem indivíduos críticos e atuantes na sociedade. Tal experiência só pode ser vivenciada por aqueles que de fato têm um compromisso de ir além, tornar os alunos não só um produto do meio, mas transformadores deste, através de uma prática efetiva. Essa reflexão é de fundamental importância não só para o curso de Pedagogia, mas para toda e qualquer área da educação e formação humana, sabendo que esta deve ter plena ligação com a prática e precisa ser sempre prioridade no fazer pedagógico do educador e na vida do educando.

Tomando como base o fato de que ao longo da história, sobretudo, da educação, sempre houve uma carência nas questões que norteiam a prática educativa, que na maioria das vezes esteve engessada nas teorias e fórmulas que eram vivenciadas de forma opressora e decorativa, sem a preocupação com a subjetividade dos alunos e a realidade

social em que estes se encontravam, percebemos que tal ocorrência não acontecia de forma isolada, e muitos autores convergem desse pensamento.

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NA SALA DE AULA

Quando analisamos a realidade das instituições de ensino hoje, não é difícil encontrar alunos, sejam estes de nível fundamental, médio ou superior, que compartilham da mesma dificuldade, que se arrasta há muito tempo, a ausência da aplicabilidade dos conteúdos na construção do social. Não raras vezes, nos deparamos ou até mesmo fazemos as inevitáveis e necessárias perguntas: Para quê estudar isto? Onde vou aplicar esta ou aquela teoria? Por que estudar disciplinas que não têm compatibilidade com o curso que escolhi? São questões e indagações frequentes que nos acompanham dia a dia, semestre a semestre, ano após ano. Buscas constantes, dúvidas incessáveis que nos seguem como sombras. Talvez uma só seja a resposta, precisamos compreender e relacionar o que está escrito com o que de fato acontece, pois existem discursos e teorias que nos alienam e nos trazem falsas verdades, que em nada condizem com a realidade de uma sala de aula, como nos explicita Freire (2006) quando afirma que se faz necessário não falsear as verdades, que cabe ao professor e ao futuro professor ter a consciência das dimensões ética, estética e artística do conhecimento e assim também da educação escolar.

No entanto, no decorrer da formação, o professor pode perceber a carência que não só os alunos, mas, também os educadores têm da aplicabilidade, da ação como também da compreensão no que diz respeito à relação às tendências estudadas com a realidade da escola. O fato, é que muito se tem estudado sobre a práxis educativa e mais ainda tem-se discutido sobre a realidade da Escola Pública atual, e nesse ínterim pode-se perceber que a cada dia novas tendências surgem, no entanto como essas tendências são vivenciadas nas escolas, no chão da sala de aula? Como os professores inter-relacionam os conhecimentos já construídos pelos alunos com os conhecimentos que ainda irão construir?

Não podemos, no entanto, acreditar que uma realidade que se arrasta por tantos séculos, no caso do Brasil, será transformada do dia para a noite. Portanto, somos conhecedores de todos os conflitos que norteiam as questões que assolam a educação brasileira, porém também sabemos de que muitos são os estudiosos que pesquisam, investigam, estudam, escrevem e tentam atingir as questões que norteiam o conhecimento

teórico e metodológico dos cursos de formação de professores na busca de transformação da realidade da educação pública na contemporaneidade do nosso país. Nesse sentido, Não são práticas isoladas que fazem da educação um referencial de crescimento, mas a unificação de todos os planos em prol da mesma.

Sabemos que o incentivo a prática, a pesquisa, a busca do conhecimento é também função da escola e esta muitas vezes tem se esquivado de suas responsabilidades educativas, sobre isto, Freire afirma que:

Nada ou quase nada existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” — o que implicaria o desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua. (FREIRE, 1967, p.102).

É evidente que todas as discussões em torno de como podem ser aplicadas as teorias na prática, envolvem uma série de fatores que merecem ser considerados, e um dos principais é o contexto social do aluno, afinal, de nada vale ensinar algo distante e/ou inverso ao cotidiano do aluno, conteúdos que não contribuirão para seu crescimento social. É certo afirmar a teoria também nos conduz à reflexão da nossa prática e que sem a presença da mesma torna-se impossível ter um conhecimento científico e sistematizado, a grande questão é a dissociação que tem ocorrido entre as duas.

Outro aspecto importante, que deve ser evidenciado com ênfase no processo de formação do educando é o contato do mesmo com o mundo material, o espaço do trabalho (no sentido educativo), e do exercício do conteúdo, aliás, este é um dos pontos chave na nossa pesquisa, a maioria esmagadora dos estudantes reclama da ausência da experiência, do “ir a campo”, conhecer, tocar, aprofundar. Saviani trouxe a importância desta prática quando relacionou educação e trabalho, fortalecendo a ideia de que só se aprende a fazer fazendo. Dessa maneira, ele demonstra que:

[...] a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade. Os homens aprendiam a produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações. A produção da existência implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de

aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie. (SAVIANI, 2007, p.154)

Nesse contexto, se faz necessário termos a compreensão de que esse exercício de que se fala é fundamental para todos os níveis de desenvolvimento humano, desde a infância (na idade escolar) na qual a criança passa por um processo de transformação e aprendizagem e tudo que aprende nessa fase inicial irá refletir em toda sua vida de forma direta ou indireta. Partindo dessa premissa Saviani afirma que “o papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho”. Ele afirma ainda que:

Assim, no ensino médio já não basta dominar os elementos básicos e gerais do conhecimento que resultam e ao mesmo tempo contribuem para o processo de trabalho na sociedade. Trata-se, agora, de explicitar como conhecimento (objeto específico do processo de ensino), isto é, como a ciência, potência espiritual, se converte em potência material no processo de produção. Tal explicação deve envolver o domínio não apenas teórico, mas também prático sobre o modo como o saber se articula com o processo produtivo. (SAVIANI, 2007, p.160).

Assim, entendemos que no universo acadêmico a prática e o exercício das teorias são essenciais. E trazendo para o espaço do curso de Pedagogia este é fundamental, pois o objeto de estudo e o foco central é a educação e esta só se pode ser experimentada na vivência que o educando tem não apenas na sala de aula, mas na sua atuação na sociedade. Por mais que as tendências e as concepções dos teóricos sejam importantes para nosso embasamento científico, não podemos desconsiderar que a teoria é vã sem a construção de um espaço onde se possa aplicá-la.

Geralmente nos cursos de licenciatura, é exigido o Estágio Supervisionado como um dos critérios básicos para a conclusão do curso. Isto é necessário, o problema é que na maioria das vezes estes estágios só começam em média a partir do sexto semestre, o que prejudica muito os graduandos que passam muito tempo sem ter contato com a sala de aula, absorvendo em alguns casos apenas teorias científicas sem aplicabilidade no cotidiano. Partindo dessa reflexão, e deixando evidente que não estamos aqui

desclassificando o saber teórico, mas reafirmando sempre que o saber efetivo se dá através da reflexão-ação-reflexão como tão bem afirma e reafirma Freire (1996).

Todavia, somos conscientes que muito se tem estudado sobre o fazer pedagógico do professor e como tem ocorrido sua atuação em sala de aula. A grande questão é que em alguns casos o educador não está preparado para assumir o magistério, ou pela má formação (ou ausência da mesma), ou pelas péssimas condições que são oferecidas ao mesmo, o que facilita em grau elevado o fracasso de muitas tentativas de transformação.

Porém, a realidade vai além das aparências, e nem tudo que parece ser prática o é de fato. Existem também as práticas ilusórias que falseiam o real sentido do exercício educativo. Não podemos confundir aqui, a prática com tecnicismo. Quando falo da relevância da prática sobre a teoria não desclassifico esta ou aquela, mas assumo que ambas se imbricam e que uma não pode existir sem a outra. Não podemos, no entanto, afirmar que esta prática é uma forma de modelamento do indivíduo exclusivamente para um mundo produtivo e capitalista, pois esta é uma característica do tecnicismo. Tal exercício deve ser entendido como um meio pelo qual o educando pode ter acesso ao conhecimento concreto e reflexivo e que possa realmente conhecer teoricamente e que com o exercício das disciplinas historicamente construídas e em construção por mulheres e homens possibilite para que este possa ser um agente crítico-reflexivo e transformador de sua realidade social.

CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A REFLEXÃO DA PRÁTICA

As questões defendidas por Freire deixam explícitas as suas intencionalidades em relação à educação e de certo uma das suas intenções era de propor uma mudança na prática e no processo de formação do professor, mudança essa que está intimamente ligada à mudança do pensar a formação do professor, que ele seja um professor reflexivo. Ele em suas obras e em sua visão libertadora fortalece a ideia de que os conteúdos preestabelecidos (se usados na construção do conhecimento inicial) causam defasagens no processo educativo, que deve segundo ele, transcorrer de forma natural e a partir de temas geradores que retratem a vida e o cotidiano do educando. No entanto, não é minha proposta refletir sobre a aversão de Paulo Freire aos conteúdos determinados que devem ser abordados pelo educador, e sim tratar de sua contribuição para o desenvolvimento e valorização da experiência como ponto indispensável no processo ensino-aprendizagem.

Trazendo esta reflexão que nasceu dos questionamentos levantados pelos educandos, sobretudo, os da graduação, especificamente do curso de Pedagogia, percebemos que muitos comungam do pensamento de Paulo Freire quando este reforça a ideia de priorizar a experiência vivida. Vemos isto na Pedagogia Progressista, na qual Freire trata de uma tendência denominada Libertadora, e por mais que tal concepção não tenha seu foco exclusivo no ensino escolar, tem muito a nos ensinar.

Quando Freire (1996) aborda a questão dos conteúdos historicamente construídos como formas prejudiciais ao ensino e elevando a ideia de que cada indivíduo deve aprender a partir de temas que tenham significado para si, demonstra para nós que no processo educativo não vale apenas absorver ou depositar conhecimentos (o que ele chama de “educação bancária”), mas estes devem ser construídos em um ciclo que envolve integração, diálogo, e o surgimento natural da aprendizagem que deve fluir do íntimo, do pessoal do aluno e não de algo externo, para que este por meio das atividades desenvolvidas possa crescer e amadurecer como agente transformador do meio.

Ao analisar o pensamento de Paulo Freire em relação ao conhecimento prático, experimentado, fica visível que há uma importância singular no ato de exercitar, pois a teoria e a prática se envolvem de tal maneira que se aplicadas corretamente e juntas, tornam a aprendizagem mais eficaz e consciente. Pode-se afirmar isto quando observamos que ambas não podem ser dissociadas, pois devemos entender que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” (FREIRE, 1996, p.24).

Podemos observar ainda que a experiência tem grande relevância em todos os níveis de aprendizagem, sobretudo, na infância, momento em que a criança absorve boa parte das informações que irá desenvolver ao longo da sua vida. Nisto se pode afirmar que o conhecimento passa indispensavelmente pela prática, sem esta as informações se tornam vazias e improdutivas.

Sabemos que o modo como são abordados os conteúdos pelos educadores em sala de aula, têm base nos meios educativos e metodologias individuais de cada um. O trabalho desenvolvido pelo professor também é responsável pelo modo como o aluno irá enxergar sua realidade social e a partir desta, tomar posicionamentos que o classifiquem como agente transformador, sujeito ativo dentro de um espaço acadêmico, profissional, familiar, cultural, político e social. Libâneo em uma de suas obras retrata bem a questão da importância da atividade docente sobre a prática social:

O trabalho docente se insere no movimento da prática social coletiva, ou seja: os homens produzindo e agindo conjuntamente na produção de sua existência material. O ensino escolar é elemento coadjuvante no conjunto das lutas sócias. Portanto, o trabalho docente é inseparável da prática social, o que significa que a primeira preocupação do professor é o conhecimento da prática de trabalho e de vida do aluno: suas condições sócio-culturais (vida, familiar, ambiente social, conhecimentos e experiências de que já se dispõe, reações frente ao estudo das matérias, disposições psicológicas como motivação, autoconceito, linguagem, expectativas em relação ao futuro) e o quadro das relações sociais em que vive. (LIBÂNEO, 1986, p.77).

Nesse contexto, podemos perceber que o ato de educar, vai além da simples transmissão de conteúdo, e que as barreiras postas nos caminhos tanto do educador quanto do educando são para fazer com que estes tenham um avanço em suas visões de mundo e um amadurecimento de suas perspectivas sobre o ato de aprender. O papel do professor, se analisado pelo ângulo da prática educativa, está diretamente ligado com a motivação que deve oferecer ao aluno e as ofertas de oportunidades que juntamente com a instituição deverá fazer parte da vida social do aluno. Já o educando, tem a função de ser um sujeito transformador da sua realidade, pois uma vez a informação construída junta com o professor, deve buscar as melhores maneiras possíveis de alcançar o conhecimento, tendo a convicção de que este só se adquire através da prática contínua. O bom desempenho do aluno por meio do seu processo de formação está intrinsecamente ligado com a conscientização do educador, pois este deve ter uma visão crítica sobre as relações que envolvem seus alunos e os aspectos sociais gerais. Nesta linha de pensamento, concordamos com Libâneo quando afirma que:

“É preciso um trabalho de autoformação do professor, para compreender de modo crítico as relações entre a prática social e a educação. O trabalho escolar formativo fica comprometido, se não leva à assimilação crítica das contradições sociais”. (LIBÂNEO, 1986, p.78).

Observamos que no próprio desenvolvimento de atividades cotidianas da academia necessitamos de características básicas que nos remetam a uma consciência reflexiva sobre a importância da práxis educativa. Na pesquisa identificamos tais questões, que de forma especial, passam a ter um valor mais significativo na vida do graduando, quando é possibilitada a oportunidade de experimentar o conteúdo trabalhado em sala de forma concreta e subjetiva em campo.

Pesquisa só se aprende fazendo. As características do ato de pesquisar se constroem socialmente, num verdadeiro processo de socialização, até de formação artesanal. Essa construção demanda interlocução dos menos experientes com os mais experientes. E esse é um dos nós da questão em algumas áreas em que a tradição da investigação científica vem sendo pobre, e essa pobreza se produz pela rarefação de interlocutores maduros no trato direto e continuado com a pesquisa. (GATTI, 2010, p.18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na vida acadêmica, nos deparamos muitas vezes com situações de escolha, situações em que precisamos tomar partido, sejam em relação a determinadas tendências ou até falsas verdades que nos são repassadas como absolutas e nisso precisamos evoluir, ultrapassar as barreiras que nos são impostas e tidas como intransponíveis, ser legítimos atores de nossa própria história, não apenas representados por números e estatísticas.

Diante dos fatos apresentados, podemos compreender que no decorrer do processo formativo do aluno, a prática precisa sempre estar associada à teoria e que de maneira alguma o aluno (esteja este em qualquer um dos níveis de aprendizagem) poderá possuir um conhecimento profundo e concreto sem passar pela experiência do “aprender a fazer, fazendo”, pois a aprendizagem por excelência se alcança com a experimentação dos erros e acertos sempre com a orientação de quem já experimentou, no caso, o educador, que deve ser visto não como alguém que sabe mais por estar ensinando, mas como peça fundamental no ciclo da aprendizagem, que existe para que junto com o aluno possam construir saberes e refletir sobre as mudanças que esses saberes possibilitam. Assim fica evidente a necessidade de respeitar os conhecimentos que o aluno já trás de casa e juntos fazerem descobertas tanto teóricas como práticas e assim aprenderem a transformar suas realidades por meio do saber efetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAVIANI, Dermerval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v.12 n. 34 jan./abr. 2007.

GATTI, Bernadete A. **Algumas considerações sobre procedimentos metodológicos nas pesquisas educacionais**. Eccos, São Paulo: Uninove, 1, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítico- social dos conteúdos. São Paulo: Loiola, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1967.